

# ENTROPIA E REDUNDÂNCIA NA ESTRUTURA SERIADA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O SUCESSO DE *FRIENDS* E O FRACASSO DE *ROMANTICALLY CHALLENGED*

Érico Fernando de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO:

O intuito desse artigo é estabelecer uma leitura comparativa entre duas séries de televisão cuja estrutura narrativa é muito similar afim de desenvolver uma reflexão sobre as implicações da redundância dentro da narrativa seriada bem como do excesso de referências circulares dentro dos limites estabelecidos pelo formato *sitcom* televisivo. A premissa inicial é a de que uma cultura que se retroalimenta apenas de seus textos acaba por empobrecer seu repertório e tornar-se redundante, desenvolvendo uma *Entropia Negativa*.

**Palavras-Chave:** *Série; Friends; Entropia*

Formato predominante na programação televisiva norte-americana e exportado para diversos países, as *sitcoms*<sup>2</sup> já foram descritas por Renato Russo como "enlatados dos USA" na letra de *Geração Coca-cola* (1984). A crítica feita pela canção da banda Legião Urbana atingia um modelo que até o presente ainda é predominante na televisão brasileira, o de importar programas de emissoras estrangeiras, seja exibindo diretamente os originais ou comprando os

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pelo PEPGCOS/PUCSP com a dissertação *South Park: (des)construção iconoclasta das celebridades*, indicada pelo colegiado do programa como a mais representativa da produção discente em 2012, recebendo menção honrosa no prêmio Compós de teses e dissertações de 2013. Graduado em Desenho Industrial pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (2004) com ênfase em Projeto Visual.

<sup>2</sup> Sitcom: a sigla significa "Comédia Sentada" em alusão ao fato de nos sentarmos à frente da TV para assisti-las (Nota do autor).

direitos de reprodução e fazendo suas próprias versões, sempre muito similares aos originais, como por exemplo os quadros *Lata velha* e *Lar, doce lar*. Ambos exibidos e apresentados por Luciano Huck são versões nacionais dos originais "*Pimp my ride*" e "*Extreme Makeover: Home edition*", respectivamente.



Figura 1: ilustração de autoria de André Dahmer, extraído de [www.malvados.com.br](http://www.malvados.com.br)

Este texto analisa a presença de estruturas repetitivas em diferentes textos audiovisuais. A premissa inicial é a de que uma cultura que se retroalimenta apenas de seus textos acaba por empobrecer seu repertório e tornar-se redundante, desenvolvendo uma *Entropia Negativa*, conforme exposto por Décio Pignatari (2008, p.57): “A ideia de informação está ligada, mesmo intuitivamente, à ideia de surpresa, de inesperado, de originalidade. Quanto menos previsível, ou mais rara, maior sua informação”.

Kothe (1994, p.20) chama de “triviais” as narrativas decorrentes dessa lógica da repetição e que preponderam hoje nas obras ficcionais televisivas que, segundo ele, tornam-se sem profundidade e demasiadamente simplórias. Referindo-se às fórmulas de combinação entre variantes e invariantes, ele afirma que há um disfarce “por intermédio da diversificação de estruturas de superfície”

Machado (2000) classifica as narrativas seriadas em três categorias: aquelas baseadas em torno de um mesmo tema ou eixo, como a *sitcom* estadunidense *My name is Earl*. O personagem-título (*Earl*) é um desajustado que acha um bilhete de loteria premiado e em seguida é atropelado. Recuperado, ele acredita que o dinheiro deve ser utilizado para queimar seus *carmas*, então ele faz uma lista de todas as pessoas a quem prejudicou e decide reparar seu erro de alguma maneira. Durante as quatro temporadas em que a série ficou no ar, sempre obedeceu a esta estrutura. Há também aquelas narrativas onde se encontra um entrecruzamento de diversas tramas, que se desenvolvem paralelamente, como na série *Lost*. Há ainda uma terceira categoria, onde não há fidelidade a um modelo rígido e onde os episódios e as

personagens podem mudar radicalmente. Machado ainda salienta que dificilmente essas categorias serão encontradas de maneira pura, isolada, mas sim combinadas em diferentes medidas.

Ainda segundo o exposto por Machado (2000, p. 89): "repetição não significa exatamente redundância. Ela é pelo contrário, princípio organizativo de vários sistemas poéticos". Entretanto o que pretendemos constatar é a existência de uma linha tênue entre o uso referencial de modelos e estruturas de sucesso para o desenvolvimento de produtos culturais e a repetição indiscriminada de formatos e estruturas narrativas que, dito de maneira simples transformariam aquilo que Calabrese (1988) chamou de *estética da repetição* em verdadeira *estética do plágio* (grifo nosso). Nesse caso, a identificação entre o telespectador e o produto televisivo torna-se impossível de ocorrer, uma vez que o produto não consegue fazer suficiente referência a si mesmo ao fazer demasiada referência a outro, anterior e já consagrado.

Para a exemplificação, será desenvolvida uma leitura comparativa entre dois programas de televisão, as *sitcoms* norte-americanas *Friends*, exibida pelo canal Warner entre 1994 e 2004 e *Romantically Challenged*, exibida pelo canal ABC em 2010.

A série *Friends* foi um dos maiores sucessos comerciais da televisão americana nos últimos vinte anos. Foram dez temporadas, totalizando duzentos e trinta e oito episódios de vinte e dois minutos de duração em média. Vencedora do Globo de ouro e de outros cinquenta e seis prêmios, a *plot* da série era “a vida, os amores e as risadas de seis jovens vivendo em Manhattan”. Seus seis personagens eram em principio totalmente planos e caricatos, facilmente traduzíveis em poucas palavras: *Ross Geller* (David Schwimmer) era o *nerd*, atrapalhado, tímido e sem sorte no amor, acumulou três divórcios durante a série; *Rachel Green* (Jennifer Aniston), a *patricinha*, foi um dos personagens que sofreu a maior transformação durante a série, no início ela representava o suprássumo da superficialidade, nascida em berço de ouro nunca havia trabalhado e nem teve grandes pretensões acadêmicas. A tensão amorosa entre *Rachel* e *Ross* permeou o seriado durante toda sua existência, tensão esta que só foi resolvida no último episódio. Outra personagem, *Phoebe Buffay* (Lisa Kudrow), era a *riponga estereotipada*, vegetariana, aérea e ambientalista; *Mônica Geller* (Courtney Cox Arquette) a *neurótica*, totalmente controladora, competitiva e maníaca por ordem e limpeza, não sendo capaz de dormir se souber que um sapato está virado de ponta cabeça; *Chandler Bing* (Matthew Perry), *sexualmente inseguro*, traumatizado pelo divórcio dos pais, uma sexóloga e um transformista que interpreta *Carmen Miranda* num hotel em *Las Vegas*; e *Joey Tribianni* (Matt

Leblanc), o *garanhão italiano*, um ator de interpretação rasa (perto dele, Hugh Grant é Humphrey Bogart), que utiliza sempre a mesma cantada, um certo olhar quarenta e três e um robotizado “*how you`re doing?*”<sup>3</sup> para quaisquer rabos-de-saia que aparecesse em sua frente. A série *Friends* projetou as carreiras de seis atores até então praticamente desconhecidos, com participações especiais em outras séries e/ou filmes de menor expressão. Na última temporada (2004), o cachê de cada uma das seis estrelas girava em torno de um milhão de dólares por episódio. A título de comparação, Ashton Kutcher, o mais bem pago ator de séries em atividade hoje, recebeu exatamente o mesmo por cada episódio de *Two and a half men* em 2012.

A série se passa então em basicamente dois ambientes a maior parte do tempo: o apartamento de *Mônica* e o *Central Perk Café*, que serve de ponto de encontro para as seis personagens. Outros cenários serão utilizados com maior frequência, à medida que a série adquira maior audiência e conseqüentemente, a trama se intensifica.

A narrativa apresenta uma trama central que percorre as dez temporadas, mas que é sempre entrecortada por outras tramas menores, que se iniciam e se encerram dentro de um mesmo episódio. Essa redundância torna possível que o público sempre possa entender o que está acontecendo, mesmo que tenha perdido os episódios anteriores.

O núcleo principal da trama é dividido binariamente entre os bem-sucedidos (*Monica, Chandler e Ross*) e os *losers* (*Rachel, Phoebe e Joey*). Essa divisão fica latente no quinto episódio da segunda temporada, *The one with five steaks and an eggplant*<sup>4</sup>, onde os seis saem pra jantar em um restaurante caríssimo. Enquanto os bem-afortunados pedem salmão e champanhe, os pobrezinhos têm que se contentar com sopas, salada e água. Na hora da conta, a divisão em partes iguais gera conflito entre os dois grupos e outros sentimentos ambíguos vêm à tona. Intrinsecamente, há a condenação por parte da sociedade americana ao *alternative way of life* de Phoebe, a *pursuit of dream* do ítalo-americano Joey e a coragem de Rachel, por abrir mão de uma vida de luxo em função de sua liberdade de escolha. Nesse aspecto, a série se presta a propagar uma ideia de uniformidade e de ideal de sucesso, ainda que ao final do episódio, os amigos falem abertamente sobre o assunto e, logicamente, tudo termine bem.

A tensa relação entre *Ross* e *Rachel* era a trama mais duradoura de toda a série. Ela teve início no primeiro episódio e se estendeu até o último. A relação dos dois foi sempre marcada

<sup>3</sup> Como vai? (Tradução do autor).

<sup>4</sup> (Aquele com cinco bifês e uma berinjela). Os nomes dos episódios obedecem a esta nomenclatura: “*The one with...*”

por uma extrema alteridade, eles se amavam ou se odiavam; se desprezavam ou perseguiam um ao outro.

Durante a primeira temporada, *Rachel* se envolve com *Paolo*, um italiano que sequer fala o idioma inglês. É o oposto de *Ross*, atrevido, musculoso e insinuante. No entanto é burro como uma porta, além de “assediar” sexualmente *Monica* e *Phoebe*. Essa é uma das primeiras referências estereotipadas a estrangeiros que a série apresentou. Outro episódio que merece atenção é o primeiro episódio da segunda temporada. Para entendê-lo é necessário voltar para o último episódio da primeira. Em resumo, *Ross* é apaixonado por *Rachel* desde o colégio. Ela, sendo uma das garotas mais populares da escola não liga a mínima para o desengonçado *nerd* de cabelos encaracolados. Mas quando ela passa a morar com sua irmã, os dois se aproximam, embora ela continue enxergando-o apenas como amigo. Quando ela finalmente decodifica os sinais que ele tentou transmitir durante toda a primeira temporada já é tarde, ele partiu para a Ásia a trabalho. A primeira temporada termina assim. É o *gancho* perfeito para garantir o interesse da audiência. Quando a segunda temporada estreia, *Ross* retorna da Ásia e para o desespero de *Rachel*, ele está acompanhado de *Julie*, que embora se revele americana, tem origem chinesa e traços muito bem marcados. Ambos os exemplos apresentam o estrangeiro como alguém (ou algo), que vem de fora para tumultuar uma pretensa harmonia preexistente. A família de *Joey* também é apresentada sempre de maneira caricata. Suas várias irmãs têm rostos parecidos, nomes parecidos e se vestem de forma parecida.

Durante o desenvolvimento da série, em função do seu sucesso e do interesse de todos os envolvidos em prolongar ao máximo sua existência, surge a necessidade de ampliar tantos os horizontes geográficos quanto subjetivos das personagens. Torna-se recorrente na série a participação de outros atores, geralmente já consagrados: Tom Selleck, Brooke Shields, Jon Lovitz, Debra Jo Rupp, Ben Stiller e Danny DeVitto, apenas para citar alguns. Segundo Pignatari (2008), esse processo faz parte da estratégia do produto, a fim de combater a própria tendência entrópica do *texto*:

A comunicação pressupõe a existência de um repertório e de um código comuns a transmissor e receptor. Todo signo novo, externo ao código, é ininteligível. No entanto, tomando-se repertório no sentido amplo, como a soma de conhecimentos codificados de uma pessoa ou grupo, podemos dizer que esse sistema necessita da informação nova para combater sua própria tendência entrópica, ou seja, sua tendência a estados uniformes. A introdução do signo novo implica alargamento do repertório e permite reduzir a taxa de redundância do sistema (PIGNATARI, 2008, p.65).

Rojek (2001, p. 26) usa a denominação *celeator* para se referir a personagens fictícios que se tornam itens institucionalizados da cultura popular: "Eles satisfazem o apetite do público por um tipo de personagem que concentra a época" (Idem). No caso de *Friends*, são seis personagens que respondem a esta demanda e que, aliados há boa direção e um texto ágil, garantem equilíbrio entre os elementos que constituem uma boa comunicação: identificação do público com as *personas*, equilíbrio entre signos conhecidos e signos novos, uso inteligente das tensões e dos ganchos, etc.

Por sua própria natureza, a comunicação é uma espécie de processo variável e estatístico condicionado pela interdependência dos sinais, ou seja, pelas normas e regras que os relacionam e que decidem sobre o seu grau de informação (PIGNATARI, 2008, p.58).

Com o fim da série, em 2004, diversas candidatas a sucessão apareceram, todas sem muito sucesso. Uma delas inclusive, estrelada pelo próprio *Matt LeBlanc*, continuava a saga de Joey, o ator de interpretação rasa e que não consegue decorar as próprias falas. Durou apenas duas temporadas. Outra sitcom, *Rommates* (2009) exibida pelo canal ABC Family, repetia o mote dos amigos que dividiam um apartamento em *Manhattan*, tendo inclusive, entre as personagens, um ator. Além de não apresentar signos novos a um formato já tão batido, esbarrou na falta de carisma dos atores e de criatividade dos roteiristas.

Como foi mencionado, outras séries exploraram (e exploram) essa narrativa a exaustão, entretanto, o que tornou *Romantically Challenged* a série escolhida para ser confrontada nesse estudo é a constatação latente, mesmo por um telespectador desatento, a imensa repetição de "coincidências" entre as duas séries. A primeira delas, o ponto de encontro é o mesmo: um café (figura 2).



A *plot* parecidíssima, *Rebecca* (Alissa Milano) é uma recém divorciada que não tem um encontro romântico "desde que *Bill Clinton* era presidente". Acompanhada de sua irmã, *Lisa*;

de seu melhor amigo desde os tempos de colégio, *Perry*, que traz na bagagem seu companheiro de apartamento, *Shawn*, ela tenta se adaptar a sua nova realidade de jovem mãe solteira e aproveitar um pouco sua nova vida. As coincidências não param por aí, pelo contrário, uma análise mais detalhada de cada uma das quatro personagens principais nos revelará que os personagens carregam em si muito das características que fizeram de *Monica*, *Rachel*, *Phoebe*, *Ross*, *Joey* e *Chandler* adorados no mundo inteiro. As semelhanças chegam a ser grotescas. *Lisa* é uma versão oxigenada de *Monica*, decidida e altamente fática, manipula as relações entre os outros. Praticamente manda na irmã mais velha, lhe dizendo como agir e o que dizer em seus novos encontros. *Monica* fazia o mesmo com *Ross* e *Chandler* em *Friends*. *Rebecca* é o *Ross*, divorciada desde o primeiro episódio, assim como *Ross*, tem dificuldades em vivenciar relações fugazes, em virtude de ter passado muito tempo casada, assim como *Ross*.

A relação entre os amigos *Perry* e *Shawn* beira o ridículo em sua verossimilhança com a relação de *Chandler* e *Joey* (figura 3). Simplesmente por que *Perry* é *Chandler* e *Shawn* é *Joey*. Ambos moram juntos, assim como *Chandler* e *Joey*. *Perry* é bem sucedido e sustenta a casa sozinho, enquanto *Shawn* se dedica, sem sucesso, a se tornar um escritor. Além disso, *Perry* é credor vitalício de *Shawn*, que está sempre quebrado.



Assim como *Chandler* era em relação a *Joey*. Tudo absolutamente idêntico, simétrico, literal. Outras características apresentadas por ambos, *Perry* é sexualmente retraído, assim como *Chandler*. *Shawn* encarna o mesmo tipo conquistador barato de *Joey*, sempre se insinuando para as irmãs *Rebecca* e *Lisa*, assim como *Joey* fazia com suas três colegas. Além de todas as características subjetivas apresentadas, os trejeitos dos atores<sup>5</sup>, as *gags*, os enquadramentos, enfim, há um excesso de referências que nos remetem à *Friends*:

<sup>5</sup> O comentário abaixo foi extraído do site <http://www.imdb.com/title/tt1392247/usercomments>) e reproduz a opinião de um telespectador: “Does anyone else feel like one of the characters has studied Chandler from

Perguntado, certa vez, sobre o que achava de certo livro recém-lançado, Oswald de Andrade respondeu: - não li e não gostei. A frase ficou famosa e enriqueceu o rol das boutades oswaldianas; no entanto, é perfeitamente justificável do ponto de vista da teoria da informação e pode servir como ilustração de um dos casos de inutilidade da comunicação: o da redundância total” (PIGNATARI, 2008, p.63).

Em suma, em termos estruturais, *Romantically Challenged* está tão impregnada da atmosfera simbólica que constituiu o sucesso de *Friends*, que mesmo para o telespectador mais desatento, as exibições de *Romantically Challenged* remetem inevitavelmente para a referência anterior e muito mais forte. A série não consegue nada senão propor um retorno à *Friends*, o que basta para que se possa atribuir o total fracasso da série – cancelada após apenas quatro episódios – à incapacidade de inserir novos signos dentro da estrutura das *sitcoms*, justamente por apenas repetir as estruturas e, principalmente, modelos já tão presentes no imaginário dos telespectadores sem maquiá-los, o que em nossa opinião inviabiliza o processo comunicacional.

### Referências Bibliográficas

- CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.
- KOTHE, Flávio R. **A narrativa trivial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2005. São Paulo.
- MORIN, Edgar. **As estrelas: Mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- \_\_\_\_\_. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Moraes Editores, 1970
- PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 28ª edição, 2008.
- ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

#### Websites

[www.imdb.com](http://www.imdb.com)

[www.malvados.com.br](http://www.malvados.com.br)

---

*Friends too much? It's like he's totally mimicking the character. He's trying too hard and it really is obvious.*”  
Mais alguém sente que uma das personagens emula demais o Chandler, do *Friends*? Ele está totalmente imitando a personagem e é muito óbvio (Nota do autor).